

A Caminho do Fundão (Julho de 2007)

(Compilação dos textos publicados a propósito deste título)

No passado fim-de-semana, um grupo eclético e multi-geracional reuniu-se para uma breve viagem ao interior centro do país. Cinco amigas, unidas pelo mesmo objectivo desportivo, seguiram juntas a caminho do Fundão, com a rádio como principal companhia.

Até abandonar Lisboa, o início da manhã de sábado fez-se acompanhar pela M80, estação que veio a verificar-se agradar aos três escalões etários representados: 20-30; 31-40; e mais de 40 anos. Foi no escalão entre os 31 e os 40 e acima dos 40 anos que se verificou maior identificação com a música da estação, especialmente neste último, donde se depreende que a estação está, para já, a cumprir os seus objectivos, não desagradando, contudo, às faixas etárias mais jovens.

A música que se ouviu correspondia a recordações de vários géneros musicais e, dentro de cada um dos géneros, a diferentes estilos, com uma selecção variadada das décadas de 1970, 80 e 1990 e dos artistas que melhor as representam. A estação voltou a ser sintonizada no regresso, não se tendo verificado repetição das músicas ouvidas. Consensualmente, a postura ao microfone revelou-se agradável e adequada ao tipo de rádio, sendo que na maioria, as opiniões indicaram que os *jingles* poderiam ser melhorados.

No espírito desportivo da viagem e já fora de Lisboa, a Orbital deu mote para alguns quilómetros, sem contudo, se assumir como uma estação eleita pelo grupo. Ainda assim, é-lhe reconhecida a originalidade e a capacidade para gerar audiências, surpreendendo pelo alcance dos emissores.

Daí em diante, a viagem fez-se percorrendo o éter em busca da companhia ideal de viagem. As estações foram sendo seleccionadas através da busca automática do auto-rádio, escutadas com um grau mínimo de atenção e avaliadas em função da música que tocava no momento da sintonia, tendo-se esperado sempre pela intervenção do locutor, salvo quando a música era unanimemente desagradável ou quando esta não se verificou num espaço de 10 a 15 minutos.

O NetFM retoma a segunda parte da viagem ao Fundão, com a companhia de rádios locais e nacionais. Já fora de Lisboa, a sintonia automática tendia a seleccionar maioritariamente rádios nacionais, em boa medida, pela força do sinal. De entre o grupo de viajantes, a maioria reconhecia imediatamente tratar-se de estações não locais... Regra geral, a observação mais comum, dizia respeito à qualidade do som, reconhecidamente digital, como frequentemente aconteceu para a Renascença, e pelo número de frequências nas quais se captam esta estação.

Depois de oficialmente abandonarmos o perímetro de Lisboa, a música mudou. Certo é, que a rádio está toda muito igual, contudo, por esse país acima, encontrámos algumas diferenças que se prendem não tanto com a música em si, mas com a abordagem, a selecção e mistura e, acima de

tudo com a comunicação entre a estação e o ouvinte. Da música de dança ao folclore, passando pela música popular portuguesa, os êxitos e recordações anglo-saxónicas, seleccionámos de tudo um pouco e concluímos que, no momento em que sintonizamos estas estações, não encontramos grandes diferenças em relação às rádios com emissão nacional. Então, o que faz destas, rádios locais? O que as impede de se dirigirem para um grande “Fundão”?

Não acredito que o público seja muito diferente do público das grandes cidades e áreas urbanas. Terá certamente outro tipo de objectivos e interesses, prioridades diferentes. Certamente deseja, como qualquer ouvinte, que aquela seja a “sua” rádio. Desta forma, algumas das estações que ouvimos apresentavam programas de conversa ou quase interactivos. Contudo, não foram suficientemente cativantes para fixar o grupo de viajantes. Por outro lado, a locução e a artística destas estações revelaram-se como os elementos menos atraentes. Ou seja, embora a música possa ser copiada das estações de grandes audiências e o estilo da programação, é efectivamente quem está ao microfone que faz a rádio...

O NetFM retoma a viagem ao Fundão, para se debruçar sobre as características que podem fazer de algumas estações de rádio, projectos “a caminho do Fundão”...

A tendência em termos de programação é a adopção de formatos, contudo, pelo que se pode perceber pela programação das estações escutadas, a programação é de carácter generalista, procurando servir diferentes interesses. Considerando a abrangência de sinal, faz sentido a adopção de um modelo de programação que marque a diferença em relação às estações formatadas com emissão nacional. Resta contudo, melhorar esse modelo, tornando-o efectivamente diferente. E essa diferença não poderá fazer-se pela música, mas pela aproximação dos conteúdos aos interesses da região que cada estação sirva. Basicamente, criar modelos como o do Rádio Clube, adequados a cada região, ou, em alternativa, modelos como o da rádio Orbital, sem locução ou notícias, com música diferente daquela que as nacionais transmitem. O país é pequeno e parece-me que não serão só o espartilho da Lei da Rádio ou as dificuldades de financiamento e profissionalização dos seus recursos humanos que geram dificuldades às rádios locais. Acima de tudo, será a demasiada proximidade geográfica entre estações que gera fenómenos de demasiada equivalência na oferta ao ouvinte, fazendo com que seja quase impossível cada uma destas estações se assumir como a rádio de eleição do ouvinte. Sabemos que o ouvinte já não se fixa apenas numa estação, e que procura cada estação de acordo com as suas necessidades e interesses ao longo do dia e dos dias da semana. Por esta razão, se todas as estações num determinado âmbito regional tiverem o mesmo tipo de oferta, então o ouvinte tende a procurar alternativas, acabando por sintonizar estações nacionais.

Se acrescentarmos o facto de que, na sua maioria, estas estações têm equipas profissionais compostas maioritariamente por colaboradores e que, não dispõem dos mesmos recursos financeiros que as estações nacionais, verificamos que terá de existir uma criatividade muito grande para gerir estas estações e desenvolver um produto que possam competir directamente com

as estações nacionais, cujos profissionais se dedicam apenas a esta actividade e, embora possam fazer incursões pela publicidade e locução, os criativos, sonoplastas e produtores têm naturalmente uma margem de manobra superior e recursos técnicos e sonoros superiores, que marcam a diferença quando se sintoniza cada uma destas estações...

Não se trata aqui de vaticinar o fim das rádios locais, mas de repensar a Lei da Rádio, de reequacionar o modelo de gestão destas estações e de levantar a possibilidade de criar um novo estatuto para algumas destas estações que, à semelhança do que acontece em variados países da Europa, estão mais próximo do conceito de rádio comunitária do que propriamente do de rádio comercial...